

pelo *Estado de São Paulo*. Comissão integrada por Antônio Figueiredo, de *A Nação*, José Eiras Garcia, do *Diário Espanhol*, A. A. Covelo, de *A Gazeta*, Nereu Pestana, de *O Combate*, e Henrique Greenen, do *Germânia*, encaminhou as negociações e conseguiu o acordo: os operários venceram.

Na segunda quinzena de julho de 1917, começou a circular, no Rio, *O Debate*, com a colaboração de Lima Barreto, Fábio Luz, A. J. Pereira da Silva, Théo Filho, Maurício de Lacerda, Agripino Nazaré, Teodoro Magalhães, José Saturnino de Brito, Adolfo Porto e outros. Em seu primeiro número, analisava a revolução russa, prevendo a vitória dos bolchevistas; a 29 de setembro, publicava artigo de Charles Rappaport, "Quem é Lênin"; a 27 de outubro, divulgava a carta de Lênin aos socialistas suíços; apoiava, em julho, a greve dos operários paulistas. Em dezembro, começava a circular *O Cosmopolita*, órgão sindical dos empregados na indústria hoteleira, apoiando também a revolução russa⁽²³⁷⁾. Em *O Debate* e no *ABC*, Lima Barreto toma posição aberta contra a guerra e pela revolução⁽²³⁸⁾. Acusa o ministro da Agricultura, José Bezerra, de promover a alta do preço do açúcar, a serviço dos usineiros e do grupo belga que domina o seu comércio internacional, vendendo para o exterior a 6\$000 a arroba e a 10\$000 no mercado interno⁽²³⁹⁾. No *Debate*, de 15 de setembro de 1917, escreve: "A nossa República, com o exemplo de S. Paulo, se transformou no domínio de um só feroz sindicato de argentários cúpidos, com os quais só se pode lutar com armas na mão. Deles saem todas as autoridades; deles são os grandes jornais; deles saem as graças e os privilégios; e sobre a nação eles teceram uma rede de malhas estreitas, por onde não passa senão aquilo que lhes convém. Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender a

(237) No *Correio da Manhã*, um jornalista que começa a sua carreira, Assis Chateaubriand, publicaria curioso artigo, em que afirmava: "Há qualquer coisa de tocante na inocência sinistra com que o russo cândido e imaginativo se dispõe a realizar a experiência coletivista. (...) Os homens que se estraçalham em guerra civil agora na Rússia matam-se por um ideal. É a absorção mais completa da personalidade pelo interesse coletivo".

(238) O pronunciamento inicial de Lima Barreto, no *Correio da Noite*, de 19 de novembro de 1914, fora incisivo: "O nosso regime atual é da mais brutal plutocracia, é da mais intensa adulação aos elementos estranhos, aos capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatões tintos com uma sabedoria de pacotilha". Daí por diante, baterá sempre a mesma tecla, em posição coerente e corajosa.

(239) A esse propósito, no *ABC* de 12 de maio de 1917, Lima Barreto ataca Azevedo Amaral, que dirigia então o *Correio da Manhã*: "Amaral, tu és notável, tu tens alento, tu és doutor, tu possuis tudo para ser um grande homem. Não sei se tu tens vícios; eu os tenho; tu não tens é sinceridade. Falta-te essa coisa que é o amor pelos outros, o pensamento dos outros, a dedicação para enfrentar com a vida na sua majestosa grandeza de miséria e de força. Quanto aos teus Algarismos, vai te catar que não tenho medo deles; e, quanto a mim, diga ao Rufino que sou terceiro oficial da Secretaria da Guerra, há quinze anos. Ele que arranje, se for capaz, a minha demissão. Não garanto, mas talvez seja possível que eu lhe fique agradecido". Rufino era José Bezerra.